

La inserción masculina en la Enfermería: ¿qué se ha escrito sobre esta cuestión?

Male insertion in nursing: what is writing on this question?

A inserção masculina na Enfermagem: o que se escreve
sobre esta questão?

Regina María dos Santos¹, Larissa Melo Coêlho Barros², Sílvia Alves dos Santos²,

Wanderlei Barbosa dos Santos³, Lais de Miranda Crispim Costa⁴.

¹Doutora em Enfermagem, professora Associado IV da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas.

²Acadêmica de Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas.

³Acadêmico de Enfermagem da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas.

⁴Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas.

Cómo citar este artículo en edición digital: Santos, R.M.^a, Barros, L.M.C., Santos, S.A., Santos, W.B., & Costa, L.M.C. (2017).

La inserción masculina en la Enfermería: ¿qué se ha escrito sobre esta cuestión?

Cultura de los Cuidados (Edición digital), 21(48). Recuperado de < <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2017.48.24> >

Correspondencia: Regina Maria dos Santos. Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas.

Telefone: 55 (82) 99983-5556. Correo electrónico: relpesantos@gmail.com

Recibido: 03/12/2016; Aceptado: 20/03/2017



ABSTRACT

Study whose objectives were to identify and analyze scientific production about the male insertion in the practice of nursing. This was an integrative review with sample of 47 articles published in national and international databases. The method used was a search strategy where an articulated the keywords with the words AND and OR in different combinations to find as many productions. The results showed four categories: the practice of nursing by men occurred in there ligious context and its physical strength; the feminization of nurs-

ing occurred by modernization with Florence Nightingale; it is easier to man in nursing to achieve power positions because of their masculinity and they also exercising the profession for personal fulfillment though they suffer preconception. It was concluded that nursing is still predominantly female but with the male presence gradually increasing. It was observed that for men to integrate into the nursing they develop strategies to overcome the difficulties of being a man and become nurse.

Keywords: Masculinity, nurses, history of nursing, nursing.

RESUMEN

Estudios cuyos objetivos han sido identificar y analizar producciones científicas sobre la inserción masculina en el ejercicio de la enfermería. Se trata de una revisión integrativa con amuestra de 47 artículos publicados en bancos de datos nacionales e internacionales. El método utilizado fue una estrategia de búsqueda donde se articuló las palabras claves con los booleanos AND y OR en distintas com-

binaciones para encontrar el mayor número de producciones. Los resultados permitieron construir cuatro categorías: el ejercicio de la enfermería por hombres se inició en el contexto religioso y por su fuerza física, la feminización de la enfermería empezó por la modernización con Florence Nightingale: el hombre en la enfermería alcanza con más facilidad cargos de poder y prestigio por su masculinidad y los enfermeros también ejercen la profesión por realización personal aunque sufran prejuicios. Se concluye que la enfermería sigue siendo mayormente femenina, pero la presencia masculina ha aumentado gradualmente. Los hombres, al integrarse en la enfermería, desarrollan estrategia para superar las dificultades de ser hombre y hacerse enfermero.

Palabras clave: Masculinidad, enfermeros, historia de la enfermería, enfermería.

RESUMO

Estudo cujos objetivos foram identificar e analisar produções científicas sobre a inserção masculina no exercício da Enfermagem. Trata-se de uma revisão integrativa com amostra de 47 artigos publicados em bancos de dados nacionais e internacionais. O método utilizado foi uma estratégia de busca onde articulou-se as palavras-chaves com os booleanos AND e OR em diferentes combinações para encontrar o maior número de produções. Os resultados permitiram construir quatro categorias: o exercício da enfermagem por homens se deu no contexto religioso e pela sua força física; a feminilização da enfermagem se deu pela modernização por Florence Nightingale; o homem na Enfermagem alcança mais facilmente cargos de poder e prestigio por sua masculinidade e os enfermeiros exercem a profissão também por realização pessoal embora sofram preconceito. Concluiu-se que a Enfermagem

continua sendo majoritariamente feminina, mas com a presença masculina aumentando gradativamente. Os homens, ao se inserirem na enfermagem, desenvolvem estratégias para superar as dificuldades de ser homem e tornar-se enfermeiro.

Palavras- chaves: Masculinidade, enfermeiros, história da enfermagem, enfermagem.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivos identificar e analisar, nas produções científicas nacionais e internacionais, as informações publicadas num recorte temporal de 30 anos sobre a inserção do homem na enfermagem ao longo de sua história. Trata-se de temática que desperta debates nas turmas de graduação em Enfermagem, a maioria delas constituídas por alunos dos dois sexos, porém, com predominância feminina, curiosos em definir como o homem participa desta profissão.

A oportunidade de elucidar o objeto desta pesquisa foi gerada no Grupo de Estudos Dona Isabel Macintyre (GEDIM), registrado no CNPq e certificado pela Universidade Federal de Alagoas, que tem como uma de suas linhas de pesquisa a história da enfermagem brasileira e alagoana. Neste cenário vem sendo desenvolvidas pesquisas com acadêmicos de enfermagem, entre as quais esta, financiada pelo CNPq, sob a forma de bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC.

Esta pesquisa é, também, empenho e compromisso dos pesquisadores com a história da Enfermagem (HE), em temática onde persistem dúvidas e divergências sobre a inserção do homem na profissão de enfermagem, bem como uma estratégia para sensibilizar homens e mulheres sobre a importância de ambos na

profissão. Os argumentos trazidos pelos artigos encontrados se somarão aos esforços já realizados para clarear essa questão.

Analisando a história através dos séculos é possível afirmar que a profissão de enfermagem tem sido parte constitutiva do campo da saúde, o qual vem sendo dominado pelos homens durante a maior parte da história da humanidade (Vitorino, Hertel, Simões, 2011). Sabe-se que na idade antiga, os vínculos relacionados à presença masculina do homem na história da enfermagem estiveram atrelados à religião, onde as práticas do cuidado em saúde eram realizadas tanto por mulheres quanto por homens, mas principalmente por diáconos e diaconisas, pois eles dividiam espaço no cuidar da saúde, do corpo e da alma de pobres e doentes (McMurry, 2011; Pereira, 2008).

Em meados do século XIX, Florence Nightingale encabeçou mudanças nas Práticas de Enfermagem que marcaram a profissão como uma irmandade de enfermagem secular, permitindo assim pouca ou nenhuma oportunidade para a participação masculina. Sob a influência de Florence Nightingale, ocorreu a feminização da profissão de enfermagem sendo consolidada a divisão sexual nas práticas da mesma (McMurry, 2011; Pereira, 2008).

A Enfermagem sempre foi exercida por homens e mulheres em uma mesma proporção, no entanto, Nightingale acreditava que as mulheres eram dotadas de carinho, delicadeza, devoção, sensibilidade e caridade e que o cuidar era uma extensão natural da feminilidade virtuosa, sendo assim, mais aptas para a tarefa do cuidar, ao mesmo tempo em que os homens passaram a ser vistos como “desajeitados” ou incapazes de cuidar de forma adequada das pessoas que necessitavam de cuidados (Costa, Padilha, Amante, Costa, Bock, 2009; McMurry, 2011; Pereira 2008; Souza, 2014).

É válido recordar que atualmente a vivência de homens na profissão de enfermagem não constitui uma regra, mas sim uma exceção que vem crescendo, a cada ano. Os indivíduos do sexo masculino sempre tiveram sua atenção voltada para profissões tradicionalmente masculinas (Santos y Takahashi, 2000). Assim, este estudo pode ser um contributo para o esclarecimento da lacuna que existe acerca desse assunto, bem como trazer mais informações sobre a importância do homem numa profissão tida como eminentemente feminina.

METODOLOGIA

A revisão integrativa sintetiza resultados de pesquisas, já realizadas e mostra, sobretudo as conclusões do corpus da literatura sobre um fenômeno específico. Compreende, pois, todos os estudos relacionados à questão norteadora que orienta a busca desta literatura (Crossetti, 2012). Buscou-se os artigos que foram produzidos e publicados nos principais periódicos indexados em bases de dados no recorte temporal de 1978 a 2015, tendo como critérios de inclusão: abordarem a temática e serem escritos em português, inglês, francês ou espanhol. O critério de exclusão foi não estarem de acordo com a questão norteadora da pesquisa.

Para guiar essa revisão, formularam-se as seguintes perguntas: Os pesquisadores da Enfermagem têm se debruçado sobre o processo de masculinização da força de trabalho deste campo profissional? O que as produções científicas nacionais e internacionais retratam sobre a inserção do homem na enfermagem ao longo da história? Para tal, os descritores selecionados foram: “Enfermeiro”, “História da Enfermagem” e “Masculinidade.

A busca pelos estudos se deu entre agosto de 2014 a fevereiro de 2015, nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana

e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), U.S. National Library of Medicine (PubMed)/ Literatura Internacional em Ciências da Saúde (MEDLINE), Biblioteca Cochrane, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Banco de Dados de Enfermagem (BDENF), Scopus database –Subject Areas: Health Sciences e Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde (IBECS).

Teve como estratégias de pesquisa, o cruzamento dos descritores em português, inglês e espanhol, tais como: “History of Nursing” OR “Historia de La Enfermería” OR “História da Enfermagem” AND (“Masculinity” OR “Masculinidad” OR “Masculinidade”); (“History of Nursing” OR “Historia de La Enfermería” OR “História da Enfermagem”) AND (“Nurses” OR “Enfermeros” OR “Enfermeiros”); (“Nurses” OR “Enfermeros” OR “Enfermeiros”) AND (“Masculinity” OR “Masculinidad” OR “Masculinidade”).

A busca foi totalmente realizada pelo acesso on-line e resultou em 940 publicações, sendo que várias se repetiam em mais de um banco de dados. Seguindo a etapa de seleção dos artigos para composição da amostra, procedeu-se a leitura de todos os títulos, seguida da leitura de todos os resumos e quando necessário da leitura de todo o texto no sentido de atender aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Com base nestes requisitos 47 artigos constituíram a amostra do estudo, os quais passaram a ser tratados como fontes primárias.

A Análise externa dos artigos explorou as variáveis independentes como ano de publicação, título da revista, nacionalidade, enquanto que a análise interna explorou dados relativos ao conteúdo que foi a variável dependente, com foco nos resultados e conclusões. O instrumento para coleta de dados foi um formu-

lário utilizado no Grupo de Pesquisa composto em duas seções. Na primeira são exploradas as variáveis independentes e a segunda reúne informações sobre o conteúdo da publicação. Este instrumento está em fase de registro conforme normas de autoria de modelos. Os dados foram tratados com recursos estatísticos e são apresentados com o apoio de tabelas e categorias construídas a partir da análise das informações trazidas pelos artigos selecionados.

RESULTADOS

Depois de selecionados e tratados, os resultados são apresentados em dois blocos, sendo o primeiro composto pelos dados referentes às variáveis independentes. A Tabela 1 mostra a distribuição dos artigos no recorte temporal definido.

Ano	F	%
1978-1984	2	4,3
1985-1991	Z	0
1992-1998	5	10,6
1999-2005	10	21,3
2006-2012	22	46,28
2013 e mais	8	17,0
Total	47	100

Tabela 1: Distribuição dos artigos segundo ano de publicação

Os dados da Tabela 1 revelam que o interesse pela temática masculinização da Enfermagem, embora tenha sido alvo de dois artigos entre 1978 e 1984 (4,3%), encontrou o auge de interesse no período de 2006 a 2012 com 44,7% das publicações encontradas. Interessante verificar a existência de um período de sete anos sem nenhuma publicação sobre o tema. Os artigos foram analisados também em relação ao país onde a pesquisa foi realizada.

País de origem	F	%
United States	12	25,5
Brasil	8	17
Canadá	6	12,8
Austrália	4	8,5
Inglaterra	3	6,4
Reino Unido	2	4,3
África do Sul	1	2,1
New Zealand	1	2,1
Suécia	1	2,1
República da Maurícia	1	2,1
Malásia	1	2,1
Coreia do Sul	1	2,1
Turquia	1	2,1
França	1	2,1
Austria	1	2,1
México	1	2,1
Irlanda do Norte	1	2,1
Estudo multicêntrico (EUA, Grã Bretanha e Canadá)	1	2,1
Total	47	100

Tabela 2: Distribuição dos artigos segundo país onde a pesquisa foi realizada. Maceió, 2015

Os dados da Tabela 2 demonstram que a maioria das pesquisas foi realizada nos Estados Unidos (25,6%). O fato dos dados estarem rarefeitos evidencia que muitos países desenvolveram estudos sobre a presença do homem no trabalho da Enfermagem. Pesquisas realizadas no Brasil somaram 17% do total de artigos encontrados. Outro dado de importância para esta revisão é o periódico em que a pesquisa foi publicada, os quais são apresentados na Tabela 3.

Pelos dados da Tabela 3 pode-se afirmar que o periódico “Journal of Advanced Nursing” foi o que mais publicou artigos sobre a inserção masculina na Enfermagem. Quatro periódicos publicaram oito artigos, sendo dois em cada e 32 publicaram um artigo cada um, no recorte temporal considerado. Note-se que os países que mais estudaram o tema foram Estados Unidos e Brasil, embora os artigos tenham sido majoritariamente publicados em periódico estadunidense.

PERIÓDICO	F	%
Journal of Advanced Nursing	8	17,14
Nusing Forum	2	4,3
Revista Brasileira de Enfermagem	2	4,3
Texto e contexto	2	4,3
American Journal of Men's Health	2	4,3
Trimestral administração Enfermagem	1	2,12
Feminism and Psychology	1	2,12
Journal of Southern African Studies	1	2,12
Oxford university Press	1	2,12
Contemporary nurse: a journal for the Australian nursing profession	1	2,12
International History of Nursing Journal	1	2,12
Nursing standard	1	2,12
Enfermagem e Ciências da Saúde	1	2,12
Nursing Research.	1	2,12
Research in the Sociology of Work	1	2,12
Pflege Zeitschrift	1	2,12
La ventana	1	2,12
Rech Soins Infirm.	1	2,12
Sociological Inquiry	1	2,12
Journal of Nursing Management,	1	2,12
Hospital and Health Networks	1	2,12
Journal of Nursing Administration	1	2,12
Trabalho Emprego & Society	1	2,12
Revista da Escola de Enfermagem da USP	1	2,12
Revista. Enfermagem da UERJ	1	2,12
Nurse education today	1	2,12
Issues Ment Health Nurs.	1	2,12
Contemporary Nurse	1	2,12
Acta paul. Enferm	1	2,12
Recherche en soins infirmiers	1	2,12
Rev. Enf. Ref.	1	2,12
InternationalNursingReview	1	2,12
International Journal of Nursing Studies.	1	2,12
Sex Roles- A Journal of Research	1	2,12
Korean Journal of Adult Nursing	1	2,12
Gender, Workand Organization	1	2,12
TOTAL	47	100,00

Tabela 3: Distribuição dos artigos segundo periódicos de publicação. Maceió, 2015

O segundo bloco de dados foi construído com base nas variáveis dependentes quais sejam, os conteúdos apresentados nos resultados e conclusões dos artigos incluídos na pesquisa. A análise mais apurada dos resultados permitiu construir quatro categorias que sistematizaram os principais resultados e conclusões, quais sejam: a) “o exercício da enfermagem por homens se deu no contexto religioso e pela sua força física”; b) “a feminilização da enfermagem se deu pela modernização por Florence Nightingale”; c) “o homem na Enfermagem alcança mais facilmente cargos de poder e prestígio por sua masculinidade” e d) “os enfermeiros exercem a profissão também por realização pessoal embora sofram preconceito”.

Os resultados que mais sobressaíram foram que o homem exercia a enfermagem no contexto religioso assim como nas ordens militares onde eram valorizados pela sua força física, principalmente para atuar em áreas como psiquiatria e ortopedia. Evidenciou-se ainda, pelos dados, que a enfermagem encontra-se mais adequada para a mulher, pois essas possuem características de docilidade, subserviência e compaixão, o que foi confirmado com a revolução da profissão após a modernização com Florence Nightingale.

Alguns estudos revelaram que os homens sobressaem na enfermagem, pois sua natureza masculina é hegemônica na sociedade patriarcal e seus instintos de liderança fazem com que esses assumam cargos de administração e outras especialidades de prestígio e poder. O cuidado, no entanto pode ser exercido por homem, independente do cargo que o mesmo venha a ocupar, pois, eles buscam o curso para exercer a profissão por compromisso com a necessidade do outro.

Por outro lado, foi visto em alguns estudos que os homens que exercem a profissão de enfermagem são rotulados como sendo efeminados, homossexuais ou incompetentes, devido a enfermagem ser uma profissão tida como feminina. Isso faz com que os homens desejem provar para a sociedade sua virilidade e competência profissional.

DISCUSSÃO

Os dados da Tabela 1 revelam que o interesse pelas pesquisas da participação masculina na profissão de enfermagem, se manifesta desde a década de 1970-80 (4,3%), crescendo esse número de produções no período 1999 a 2005, e seu auge no período de 2006 a 2012, sendo 44,7% dos artigos. Isto demonstra que esse tema vem gradualmente despertando a curiosidade dos pesquisadores para responder as lacunas existentes sobre essa temática.

Os dados apresentados permitem ainda reconhecer um período de sete anos sem publicação, demonstrando a descontinuidade do interesse pela temática nesse período, enquanto que autorizam enfatizar que houve um aumento significativo de produção sobre a temática no século XXI, representando 80% da amostra. As distribuições dos artigos no tempo evidenciam que a presença masculina na enfermagem não é um fato recente, porém esse assunto ganhou destaque nos duas últimas décadas.

Ao analisar a tabela 2 percebe-se que muitos países produziram publicações sobre a presença masculina na enfermagem porém não como área de grande interesse. Os países em destaque foram Estados Unidos (25,5%), demonstrando o interesse por essa temática, haja vista se tratar de país de cultura neoliberal e que preza as liberdades individuais, com maior financiamento e incentivos para pesquisas (Scantimburgo y Lima, 2013). Em segundo lugar aparece o Brasil com 8 artigos. Em seguida aparece o Canadá e em quarto a Austrália, mostrando que o assunto é de interesse mundial. Estas produções vêm se tornando mais frequentes e avançadas cada vez mais nos achados sobre a trajetória masculina na enfermagem.

Em relação ao periódico de publicação, destaca-se a revista “Journal of Advanced Nursing” (JAN), pois dentre uma amostra tão pulverizada, onde cada periódico aparece com uma média de um artigo a respeito do tema, esta apresenta 8 artigos (17%). JAN recebe artigos de várias áreas com relevância contemporânea para o avanço do conhecimento e da enfermagem baseada em evidência, promovendo a diversidade de pesquisas contribuindo para o desenvolvimento de novos conhecimentos na prática profissional.

Aceitando-se que a temática tem relevância para a história da Enfermagem, passou-se à análise interna dos artigos tomados como fontes

primárias, momento em que os resultados e conclusões foram lidos exaustivamente e deles foram extraídas quatro categorias, sendo que a primeira reúne os achados que apontam a Enfermagem como profissão exercida antigamente pelos homens, como se pode ver:

a) O exercício da enfermagem por homens se deu no contexto religioso e pela sua força física.

A presença masculina, algumas vezes foi mais evidente que as mulheres na assistência e no cuidado a saúde, principalmente na Idade Media, onde as mulheres que obtivesse algum conhecimento com plantas medicinais eram consideradas bruxas e perseguidas pela igreja, com exceção das mulheres que faziam votos religiosos como diaconisas, isso permitiu nesse momento a presença masculina com maior evidência na cura dos males do corpo, principalmente das ordens e congregações masculinas onde exercia atividade de enfermagem através da religiosidade. Na Idade media algumas ordens religiosas como Ordem dos Ministros dos Enfermos e Irmãos do hospital os homens e mulheres realizavam votos para se dedicarem à prática da enfermagem, pois possuía características de bondade e abnegação no serviço aos doentes, pobres e desabrigados cuidando dos corpos e almas dos pobres e doentes (Hollup, 2014; Mota, et al. 2010; Padilha, Vaggetti y Brodersen, 2006; Roy, Holmes y Chouinard, 2011; Wall, 2009).

Os homens aparecem em alguns estudos com sua participação não por escolha da profissão que envolve o cuidado, mas como uma necessidade em relação à força física, o que corroboram com os estudos de Kada, Brunner (2010), Roy, et al. (2011), Rodríguez, (2011) onde afirma que esse atributo masculino denota virilidade, proteção e defesa, po-

dendo conferir status mais elevado perante a sociedade, dependendo do contexto social a força física está associada também ao sucesso econômico, agressividade, poder e conhecimento, entre outros (Harding, 2007; Herdman y Badir, 2008; Kleinman, 2004).

Com isso observou-se que os homens tinham maior afinidade por áreas na enfermagem que se demandam esse esforço físico como áreas da psiquiatria, Ortopedia, atendimento de emergência e militares, assim como em cargos que o contato com pacientes não estão próximos como na educação e gestão. Acredita-se que a presença de homens em áreas psiquiátrica e ortopédica mantenha o ambiente mais calmo devido suas características físicas evitando situações de violência nesses locais. Fica claro com isso que enfermeiros tendem a atuar em torno de áreas de enfermagem que eles consideram ser mais masculino (Hollup, 2014; Holyoake, 2002; Kumpula y Ekstrand, 2009; Leonard y Verde, 2008; Mota, et al. 2010; Padilha, et al. 2006; Stanley, 2012; Whittock y Leonard, 2003).

Não obstante, os artigos encontrados também trouxeram informações que dão ênfase ao estereótipo do sexo feminino juntamente com a natureza do trabalho de enfermagem, afirmando que esta natureza torna a profissão mais adequada para o sexo feminino, como aparece na seguinte categoria:

b) A feminilização da enfermagem se deu pela modernização por Florence Nightingale.

Os artigos que apontaram para a afirmativa de que Florence Nightingale descreveu a Enfermagem como profissão feminina foram 19 e os principais argumentos apontam para a natureza delicada do processo de cuidar.

Reuniram-se os artigos que dão ênfase a Florence Nightingale ao criar a primeira escola

de enfermagem teve como objetivo principal acabar com a imagem das enfermeiras leigas, contribuindo para elevar o status social da profissão garante uma ocupação digna para a mulher, preocupando-se com a origem sócio-econômica e conduta moral das alunas, com isso estabelece uma nova imagem para a profissão, qual seja: anjo branco, abnegada, submissa, intocável e sagrado-cristã.

Isso dificultou a entrada do homem na profissão, a qual era tida como eminentemente feminina.(Evans, 2004; Costa y Coelho, 2013; Herdman y Badir, 2008; Hollup, 2014; Maliska, et al. 2010; Mota, et al. 2010; Padilha, et al. 2006; Roy, et al. 2011; Wall, 2009; Weaver, Ferguson, Wilbourn y Salamonson, 2014). Neste sentido, o estudo de Padilha (1999) corroborou os dados ao discutir, sob a óptica de Michel Foucault, queenquanto Florence desenvolvia seu trabalho nos hospital de campanha, as irmãs de caridade cediam passivamente o espaço hospitalar para o poder médico, porém, continuando a assegurá-lo através do poder silencioso do cuidar e do domínio do ambiente e das chaves. Neste espaço social, a enfermagem era exercida apenas por mulheres sacralizadas (Padilha, 1999).

Interessante observar os achados do estudo realizado no Brasil, estado de São Paulo, durante o processo de criação de um curso de Licenciatura em Enfermagem, onde foi discutida a existência de outras profissões igualmente tidas como femininas e a conclusão mostrou que na fusão do exercício da enfermagem com a educação, mais uma vez a maioria dos estudantes é do sexo feminino, embora no ano de 2006 a proporção entre os sexos tenha sido de 76%, percentual maior do que o habitual(Corrêa, Melo e Souza, Santos, Clapis y Granvile, 2012).

Esse achado vem corroborar o movimento de feminilização da profissão a partir do

advento da Enfermagem Moderna, final do século XIX, na Europa, e início do século XX em outros países do mundo, como Estados Unidos e Brasil. A partir de então, os estudos mostram que a enfermagem passa a ser uma profissão majoritariamente feminina, onde os homens representam menos de 10% da força de trabalho em países desenvolvidos, com alguns países em desenvolvimento que experimentam taxas de participação ainda mais baixas(Brown, Nolan y Crawford, 2000; Evans, 2002; Fisher, 1999; Gentil, 2009; Harding, 2007; Holyoake, 2002; Meyers, 2003;Mota, et al. 2010; Simpson, 2004).

Seis artigos enfatizaram que o cuidado parece está mais relacionado com a natureza das mulheres, e que os homens não possuem em sua essência características necessárias para o cuidado, como também a imagem masculina na enfermagem é retratada de forma negativa (Cottingham, 2015; Hollup, 2014; Lee y Kim, 2014; Roy, et al. 2011; Shen-Miller, Olson y Boling, 2011; WanChik, et al. 2012). Não obstante, esta afirmativa é contestada pelo estudo australiano que concluiu pelo entendimento de que homens enfermeiros se vêem com características femininas essenciais para o exercício do cuidado profissional, sem perder a sua característica de masculinidade (Fisher, 2011).

Embora alguns artigos compartilhem esta visão da Enfermagem, houve ainda 26deles que trazem argumentos sobre a trajetória de sucesso dos homens no campo da Enfermagem, como mostra a seguinte categoria:

c) O homem na Enfermagem alcança mais facilmente cargos de poder e prestígio por sua masculinidade

Os artigos de Evans(2004, 1997, in press), McMurry (2011), Wingfield (2010)trazem que os homens mantêm vantagens em “profissões”

tidas como tipicamente femininas em grande parte porque a masculinidade hegemônica tem na sociedade um status mais elevado do que a feminilidade. Esta afirmativa encontra respaldo no entendimento de que as maiorias das sociedades foram ao longo tempo patriarcais, nas quais os homens sempre desfrutaram de prestígio e poder e sempre tiveram ascensão sobre o sexo feminino.

O estudo de Cahoon (1978) afirma que no Canadá não há dicotomia entre enfermeiros do sexo masculino ou feminino, no entanto mostra que os homens recebem melhores salários, o que pode ser visto como sinal de distinção e poder simbólico por parte do sexo masculino (Bourdieu, 2011, 2014, in press). Já o artigo de Williams (1995) mostra que nos Estados Unidos o quantitativo de homens é menos, mas seus salários são mais atrativos. O estudo de Meyers (2003) revela que atualmente hospitais, organizações e escolas de enfermagem dos Estados Unidos vem recrutando homens, pois estes representam apenas 5,4% da força de trabalho de Enfermagem.

Observou-se nos estudos que os homens tendem a alcançar mais rapidamente cargos de poder, ainda que seja minoria na profissão, quando comparado as mulheres. Embora as enfermeiras tenham mais experiência e melhores qualificações, os enfermeiros assumem predominantemente áreas gerenciais, educação, trabalho de supervisão e entidades de classes, que por vezes proporcionam melhores salários (Clow, Ricciardelli y Bartfay, 2014; Dyck, Oliffe, Phinney y Garrett, 2009; Evans, 2002; Herdman y Badir, 2008; Kleinman, 2004; Lee y Kim, 2014; Macdougall, 1997; Padilha, et al. 2006; Roy, et al. 2011; Rodríguez, 2011; Shen-Miller, et al. 2011; Wall, 2009).

Este dado torna-se mais relevante quando consideradas as conclusões do estudo de

Burns(1998) que traz a questão da variável “cor”, ao afirmar que a presença masculina na Enfermagem foi escondida pelas mulheres brancas por muito tempo, sendo que as guerras e o trabalho com mineração levou os homens enfermeiros a serem mais prestigiados por serem mais necessários, embora persista até hoje a separação entre homens e mulheres e ainda entre brancos e negros na África do Sul. Já o estudo histórico social realizado no Brasil, acerca da criação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP mostrou que este processo levou a um redimensionamento da identidade da enfermeira forjada na Escola Padrão, pois permitiu o acesso de afro-descendentes homens e mulheres aos cursos de Enfermagem na década de 1920(Campos, 2012).

Assim, pode-se aceitar que, os homens na enfermagem tendem a exercer a masculinidade da forma tradicional, e geralmente são recompensados com ascensão na carreira e ocupação de melhores posições e de maior prestígio, e muitas vezes isso acontece com a cooperação e aprovação de suas colegas de trabalho (mulheres). Isso se explica com a teoria de Pierre Bourdieu quando diz que a ordem social é uma máquina simbólica sobre a qual se alicerça a divisão sexual do trabalho e legitima a dominação masculina designando os lugares que cada sexo deve ocupar, assim os cargos de poder como espaços públicos e as assembléias está reservado aos homens enquanto que as mulheres está a reservado os afazeres domésticos. Mas isso só se aplica quando o dominado permite que o dominante exerça poder sobre ele (Bourdieu, 2014).

Assim, eles são auxiliados por instituições patriarcais culturais que criam e perpetuam a vantagem masculina, bem como pelas próprias mulheres enfermeiras que, consciente

ou inconscientemente, nutrem as carreiras de seus colegas (Padilha, et al. 2006; Roy, et al. 2011; Wingfield, 2010). Apesar das mulheres assumirem cargos profissionais de prestígio no mercado de trabalho, elas são excluídas da economia e dos assuntos públicos, pois abrem espaço para os homens, ou seja, as mulheres cedem aos homens o discurso autorizado e o poder de regular o trabalho feminino, corroborando com a relação assimétrica em que ao masculino é atribuído o poder e ao feminino a submissão (Bourdieu, 2014).

Merece destaque o artigo de Minnigerode, Kayser-Jones, Garcia (1978) por ter estudado qual a concepção de “enfermeira/o ideal em amostra composta pode graduados. Pós-graduados e estudantes e concluído que para os homens, o enfermeiro ideal é altamente masculino enquanto que para as mulheres, a enfermeira ideal é aquela altamente feminina, reconhecendo a existência de posições intermediárias entre estes dois extremos. Em contraposição, estudo de 2011 realizado nos Estados Unidos com amostra de 109 sujeitos de 37 estados revela que a maioria dos participantes foram classificados como andróginos, em oposição a essa categoria masculino, feminino ou indiferenciado (Thompson, Glenn y Vertein, 2011). Esta conclusão evidencia que a influência da categoria “gênero” está na raiz do ideal de enfermeiro/a.

Por outro lado, estudo realizado na Irlanda do Norte analisou o discurso de enfermeiras e enfermeiros de hospitais e mostrou que no grupo estudado predominava a identidade feminina na qual os homens estavam incluídos e assim se identificavam, sem que sua masculinidade estivesse comprometida, inclusive compondo grupos de relacionamento profissional (McDowell, 2015).

d) Os enfermeiros exercem a profissão também por realização pessoal embora sofram preconceito

Nesta categoria estão reunidos os argumentos dos artigos que apontam o exercício da Enfermagem por homens que a buscaram por encontrarem a oportunidade do emprego formal, mesmo que os salários não sejam tão atrativos, ao mesmo tempo em que conseguem realização pessoal na resposta que obtêm ao cuidado que prestam, embora reconheçam que ainda são vítimas de preconceito.

Assim, evidenciou-se que os homens escolhem a enfermagem por razões semelhantes às mulheres, buscando realização profissional e pessoal, com o objetivo maior de ajudar/ cuidar dos outros (Dyck, et al. 2009; Macdougall, 1997; Mota, et al. 2010). Isso pode ser afirmado quando Hollup (2014) considera a enfermagem como uma profissão neutra, sendo adequada tanto para mulheres, como para homens. Porém eles apresentam características de sua masculinidade hegemônica, como tenacidade e distanciamento emocional, atuando na profissão de forma técnica e racional. No entanto isso não quer dizer que deseje provar sua masculinidade, mas sim mostrar que sabem lidar com as diversas situações (Cottingham, 2015; Lointier, Gold y Hascoet, 2013).

Sabendo que as mulheres na profissão de enfermagem eventualmente demonstram algumas habilidades a mais que os homens (Hollup, 2014), eles possuem também o mesmo potencial. No entanto, Macdougall (1997) afirma que existem conflitos entre a presença do homem em uma profissão dominada por mulheres devido a existência de preconceito em diferentes contextos, fazendo com que os homens, ao entrar na Enfermagem, desenvolvessem estratégias que lhes permitam superar os obstáculos e garantir sua dominação sobre as

mulheres (Isaacs y Poole, 1996). Segundo Lee y Kim (2014) a resistência que os homens enfrentam na enfermagem resulta principalmente de outros homens em vez de mulheres. Eles são estereotipados como efeminados, homossexuais ou anormais e essas denominações existem desde o momento em que o homem escolhe entrar na profissão, precisando suportar tais estigmas (Evans, 1997, 2002 in press; Hollup, 2014; Holyoake, 2002; Lee y Kim, 2014; McMurry, 2011; Stanley, 2012; Wan-Chik, et al. 2012; Whittock y Leonard, 2003). Assim, os agentes dominantes no campo dominado por mulheres precisam exercer poder para garantir sua mobilidade em posição de destaque. (Bourdieu, 2014)

Diante disso, temendo serem rotulados como “gays”, os homens sentem a necessidade de afirmarem sua heterossexualidade a fim de evitarem desconfiança e questionamentos na prestação do cuidado por parte dos pacientes (Herdman y Badir, 2008; Harding, 2007; Roy, et al. 2011; Stanley, 2012; Weaver, et al. 2014). Também evidenciou-se que o toque realizado por enfermeiras é considerado uma extensão natural do papel de cuidador tradicional das mulheres, em contra partida, o toque dos homens é cercado de suspeita. Além disso, eles são mais aceitos como cuidadores de pacientes mulheres quando são mais velhos, casados e têm filhos, considerando que essas características fazem homens enfermeiros sexualmente mais seguros (Evans, 2002).

CONCLUSÃO

Diante da análise das 47 publicações que compuseram a amostra desta pesquisa, considera-se que os artigos que abordaram a temática da presença do homem na enfermagem, vem crescendo desde 1999, no entanto ainda necessita de publicações. Em relação aos pe-

riódicos utilizados nessa revisão, evidenciou-se que a JAN apresentou-se como o principal meio de divulgação das pesquisas associadas a masculinidade na enfermagem.

A análise interna dos resultados e conclusões dos artigos permitiu sintetizar que “a execução da enfermagem por homens se deu no contexto religioso e pela sua força física”; “a feminilização da enfermagem se deu pela modernização por Florence Nightingale”; “o homem na Enfermagem alcança mais facilmente cargos de poder e prestígio por sua masculinidade” e “os enfermeiros exercem a profissão também por realização pessoal embora sofram preconceito”.

O status de minoria da presença dos homens na enfermagem muitas vezes resulta em vantagens que promovem, em vez de dificultar suas carreiras, ao contrário das mulheres em profissões dominadas pelos homens. Estes benefícios, algumas vezes, estão associados com o desejo de exercício do poder, tanto pessoal quanto profissional. Contudo, na realização de pesquisas é essencial entender que o contexto sócio-cultural de profissionais do sexo masculino é uma minoria no campo da enfermagem; e no âmbito da educação, os professores da área de saúde e de enfermagem desempenham um papel central na sensibilização de seus alunos para as questões de gênero.

Por fim, os estudos mostraram que a Enfermagem continua sendo majoritariamente por mulheres, mas com a presença masculina cada vez mais alta. Foi possível compreender que, para se inserirem e se estabelecerem no campo de domínio feminino como é a Enfermagem, os homens desenvolvem estratégias para superar as dificuldades de “ser homem e tornar-se enfermeiro”, utilizando para tanto o seu capital simbólico de dominação masculina, ocupando espaços de poder e construindo

um discurso autorizado sobre o exercício do poder na profissão.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (2011). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2014). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brown, B. y Nolan, P. y Crawford, P. (2000). Men in nursing: Ambivalence in care, gender and masculinity. *International History of Nursing Journal*, 5 (3), 4-13. Recuperado de http://www.researchgate.net/publication/11726117_Men_in_nursing_ambivalence_in_care_gender_and_masculinity.
- Burns, C. (1998). A Man is a Clumsy Thing Who does not Know How to Handle a Sick Person: Aspects of the History of Masculinity and Race in the Shaping of Male Nursing in South Africa, 1900-1950. *Journal of Southern African Studies*, 24 (4), 695-717. Recuperado de http://www.jstor.org/stable/2637470?seq=1#page_scan_tab_contents.
- Cahoon, M. C. (1978). The male/female dichotomy in the nursing profession in a time of social change: more male nurses, but increasing numbers of female patients an international perspective. *Journal of Advanced Nursing*, 3(1), 65-72.
- Campos, P. F. S. (2012). História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. *Revista de Enfermagem Referência*, 3 (6), 167-177.
- Clow, K. A., Ricciardelli, R., & Bartfay, W. J. (2014). Are You Man Enough to be a Nurse? The Impact of Ambivalent Sexism and Role Congruity on Perceptions of Men and Women in Nursing Advertisements. *Sex Roles- A Journal of Research*, 72 (7-8), 363-376.
- Corrêa, A. K., Souza, M. C. B. M., & Santos, R. A. y Clapis, M. J. y Granville, N. C. (2012). Perfil do estudante ingressante no curso de graduação da escola de enfermagem da Universidade de São Paulo. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45 (4), 933-938.
- Costa, L. H. R., & Coelho, E. A. C. (2013). Ideologies of gender and sexuality: the interface between family upbringing and nursing education. *Texto contexto - enfermagem*, 22(2): 485-92.
- Costa, R., Padilha, M. I., Amante, L. N., Costa, E., & Bock, L. F. (2009). O Legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. *Texto Contexto Enfermagem*, 18(4), 661-669.
- Cottingham, M. D. (2015). Learning to “Deal” and “De-escalate”: How Men in Nursing Manage Self and Patient Emotions. *Sociological Inquiry*, 85(1), 75-99. Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/soin.12064/abstract>.
- Crossetti, M. G. O. (2012). Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido. *Rev Gaúcha Enferm*, 33(2), 8-9.
- Dyck, J. M., Oliffe, J., Phinney, A., & Garrett, B. (2009). Nursing instructors’ and male nursing students’ perceptions of undergraduate, classroom nursing education. *Nurse Education Today*, 29 (6), 649-653.
- Evans, J. (1997). Men in nursing: Issues of gender segregation and hidden advantage. *Journal of Advanced Nursing*, 26 (2), 226-231. R
- Evans, J. (2004). Men nurses: a historical and feminist perspective. *Journal of Advanced Nursing*, 47(3), 321-328.
- Evans, J. A. (2002). Cautious caregivers: gender stereotypes and the sexualization of men nurses’ touch. *Journal of Advanced Nursing*, 40(4), 441-448.
- Fisher, M. (1999). Sex role characteristics of males in nursing. *Contemporary nurse: a journal for the Australian nursing profession*, 8 (3), 65-71.
- Fisher, M. J. (2011). Sex differences in gender characteristics of Australian nurses and male engineers: A comparative cross-sectional survey. *Contemporary Nurse*, 39 (1), 36-50.
- Gentil, R. C. (2009). O enfermeiro não faz marketing pessoal: a história explica por quê?. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(6), 916-8.
- Harding, T. (2007). The construction of men who are nurses as gay. *Journal of Advanced Nursing*, 60(6), 636-644.
- Herdman, E., & Badir, A. (2008). Gender equality or patriarchal dividend: Structural change in Turkish nursing. *Nursing and Health Sciences*, 10 (2), 159-163.
- Hollup, S. (2014). The impact of gender, culture, and sexuality on Mauritian nursing: Nursing as a non-

- gendered occupational identity or masculine field? Qualitative. *International Journal of Nursing Studies*, 51 (5), 752-60.
- Holyoake, D. D. (2002). Male identity in mental health nursing. *Nursing standard*, 16 (48), 33-3.
 - Isaacs, D., & Poole, M. (1996). Being a Man and Becoming a Nurse: Three men's stones. *Feminism and Psychology*, 5(1), 39-47.
 - Kada, O., & Brunner, E. (2010). Masculinity and femininity in self-perceptions and ideals of registered nurses. *PflegeZeitschrift*, 63(8),490-495.
 - Kleinman, C. S. (2004). Understanding and Capitalizing on Men's Advantages in Nursing. *Journal of Nursing Administration*, 34 (2), 78-82.
 - Kumpula, E., & Ekstrand, P. (2009). Men and Masculinities in Forensic Psychiatric Care: An Interview Study Concerning Male Nurses' Experiences of Working with Male Caregivers and Male Patients. *Issues in Mental Health Nursing*, 30 (9), 538-546.
 - Lee, K. J., & Kim, M.(2014). The Relationship of Gender Role Conflict and Job Satisfaction upon Organizational Commitment in Male Nurses. *Korean Journal of Adult Nursing*, 26 (1), 46.
 - Lointier, F., Gold, F., & Hascoet, J. M. (2013). Ethics of care and masculinity: the case of men who choose the nursing profession. *Rech Soins Infirm*, 115, 85-91.
 - Macdougall, G. (1997). Caring a masculine perspective. *Journal of Advanced Nursing*, 25, 809-813. Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1046/j.1365-2648.1997.01997025809.x/pdf>.
 - Maliska, I. C. A., Padilha, M. I., Borenstein, M. S., Costa, R., Gregório, V. R. P., & Vieira, M. (2010). A enfermagem francesa: assistência e educação-considerações acerca de sua história e perspectivas atuais. *Texto Contexto Enfermagem*, 19(2), 325-33. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200014.
 - McDowell, J. (2015). Masculinity and Non-Traditional Occupations: Men's Talk in Women's Work. *Gender, Work and Organization*, 22 (3), 273-291.
 - McMurry, T. B. (2011). The Image of Male Nurses and Nursing Mobility. *Nursing Forum*, 46(1), 22-28.
 - Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1744-6198.2010.00206.x/abstract>.
 - Meyers, S. (2003). Real men choose nursing. Nursing schools and hospitals target men in their recruitment efforts. *Trustee*, 56 (5),18-21.
 - Minnigerode, F. A., Kayser-Jones, J. S., & Garcia, G. (1978). Masculinity and femininity in nursing. *Nursing Forum*, 27(5), 299-302.
 - Mota, N. F., Agra, A. L., Viana, J. M. L., Takashi, M. H., Oguisso, T., & Freitas G. F. (2010). Perfil de estudantes da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1980-81). *Acta Paulista de Enfermagem*, 23 (1),48-52. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002010000100008&script=sci_arttext.
 - Padilha M. I. C. S., Vaghetti, H. H., & Brodersen, G. (2006). Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. *Revista Enfermagem da UREJ*, 14(2),292-300.
 - Padilha, M. I. C. S. (1999). As representações da história da enfermagem na prática cotidiana atual. *Revista Brasileira de enfermagem- REBEn*, 52 (3), 443-454. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471671999000300014&script=sci_arttext.
 - Pereira, P. F. (2008). *Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional*. (Tese de Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Recuperado de <http://hdl.handle.net/10183/13069>.
 - Rodríguez, A. H. (2011). Trabajo y cuerpo. el caso de los hombres enfermeros. La ventana. *Revista de estudios de género*, 4 (33), 210-241.
 - Roy, B., Holmes, D., & Chouinard, V. (2011). Contribution à une éthique de La sollicitude - Masculinités et genredans La profession infirmière. *Rechercheen soins infirmiers*, 107, 38 - 48. Recuperado de <http://www.cairn.info/revue-recherche-en-soins-infirmiers-2011-4-page-38.htm>.
 - Santos, C. E., & Takahashi R. T. (2000). Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 53(2), 183-192.
 - Scantimburgo, A. L., & Lima, S. C. (2013). Repensando o pluralismo: reforma do sistema de saúde e polarização

política nos Estados Unidos. *Teoria & pesquisa revista de ciência política*, 22 (1), 45-55.

- Shen-Miller, D. S., Olson, D., & Boling, T. (2011). Masculinity in Nontraditional Occupations: Ecological Constructions. *American Journal of Men's Health*, 5 (1), 18-29. Recuperado de <http://jmh.sagepub.com/content/5/1/18.long>.
- Simpson, R. (2004). Masculinity at Work The Experiences of Men in Female Dominated Occupations. *Work employment and society*, 18 (2), 349 - 368.
- Snyder, K. A., & Verde, A. I. (2008). Revisiting the Glass Escalator: The Case of Gender Segregation in a Female Dominated Occupation. *Oxford university Press*, 55 (2), 271- 299.
- Souza, L. L. (2014). Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. *Ciências & Cognição*, 19(2), 218-232.
- Stanley, D. (2012). Celluloid devils: a research study of male nurses in feature films. *Journal of Advanced Nursing*, 68 (11), 2526-2537.
- Thompson, K., Glenn, L. L., & Vertein, D. (2011). Comparison of Masculine and Feminine Traits in a National Sample of Male and Female Nursing Students. *American Journal of Men's Health*, 5 (6), 477-487. Recuperado de <http://jmh.sagepub.com/content/5/6/477.long>.
- Vitorino, D. F. P., Hertel, V. L., & Simões, I. A. R. (2012). Percepção de moradores de uma cidade de minas gerais sobre o profissional de enfermagem do gênero masculino.

Revista Mineira Enfermagem, 16(4), 528-537. Recuperado de <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/558>.

- Wall, B. M. (2009). Man in Religion and Gender in a Men's Hospital and School of Nursing, 1866-1969. *Nursing Research*, 58(3), 158-165. Recuperado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2772134/>.
- Wan Chik, W. Z., Salamonson, Y., Everett, B., Ramjan, L. M., Attwood, N., Weaver, R., Saad, Z., & Davidson, P. M. (2012). Gender difference in academic performance of nursing students in a Malaysian university college. *International Nursing Review*, 59 (3), 387-393.
- Weaver, R., Ferguson, C., Wilbourn, M., & Salamonson, Y. (2014). Men in nursing on television: exposing and reinforcing stereotypes. *Journal of Advanced Nursing*.70 (4), 833-842.
- Whittock, M., & Leonard, L. (2003). Stepping outside the stereotype.A pilot study of the motivations and experiences of males in the nursing profession. *Journal of Nursing Management*, 11 (4), 242-249.
- Williams C. L. (1995). Hidden advantages for men in nursing. *Trimestral administração Enfermagem*, 19(2), 63-70.
- Wingfield, A. H. (2010). Caring, curing, and the community: Black masculinity in a feminized profession. *Research in the Sociology of Work*, 20, 15-37. Recuperado de [http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/S0277-2833\(2010\)0000020004](http://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/S0277-2833(2010)0000020004).

